

Carta a Um Banqueiro

Prezado Luís.

V. me desculpará não escrever seu nome todo, nem dar o nome do grande banco desta praça cujo cadastro acaba de se incendiar. Nessa coisa de bancos é preciso ter muito cuidado: banco é ao mesmo tempo um monstro todo poderoso e uma virgem extremamente delicada, cuja virtude já se sente melindrada só pelo fato de alguém admitir que ela possa vir a sê-lo.

O fato é que o incêndio despertou grande emoção nos baixos círculos financeiros desta praça, a que eu pertença. Um amigo manifestou, de olhos brilhantes, a esperança de que seu "papagaio" tivesse se queimado; outro mostrou-se triste por ter pago há poucos dias uma letra; e um terceiro, que ali tem suas economias, perguntou com algum susto: "será que queimaram o meu dinheirinho?"

Porque banco é aço, banco é ouro, banco é também confiança, mas banco é principalmente papel. Afonso Arinos contou-me que veio certa vez à sua casa, aqui no Rio, um capião do fundo das Minas Gerais, a quem ele devia pagar uma certa importância. O velho roceiro apareceu à noite, depois do jantar; e como não tivesse dinheiro em casa, Afonso disse que ia encher um cheque para ele. "Não senhor, eu não aceito papel do senhor não. Ah, isso não, moço. Eu sei quem o senhor é, eu conheci seu falecido pai, o senhor não vai pensar que eu vou aceitar um documento do senhor. Sua palavra para mim vale muito mais do que qualquer papel escrito".

Afonso teve trabalho de explicar ao homem o que era um cheque. E no dia seguinte, depois de receber seu dinheiro num banco, o velho contou maravilhado a um amigo: "mas o dr. Afonso é um homem acreditado mesmo. Cheguei lá com aquele papel, disse que ele tinha mandado, o homem nem perguntou quem eu era, foi logo me dando o dinheiro".

Esse bem-aventurado, Luís, não sabia o que era um banco — essa formosa instituição que, segundo uma definição antiga, "empresta dinheiro a toda pessoa capaz de provar que não está precisando dele". Há, é certo, banqueiros diferentes; sem entrar (Deus me livre) no mérito da questão, nesse caso do inquerito feito no Banco do Brasil, devo dizer que simpatizei com a declaração do sr. Marino Machado, acusado de fazer empréstimos sem garantias reais: "sempre preferi emprestar ao pobre que paga do que ao rico que não paga nunca".

Sei que v. é de mesma teoria, e defende a tese de que o inocente "papagaio" jamais deu prejuízo a nenhum banco, e ajudou a construir a fortuna de muitos: quem dá prejuízo ao banco é o rico especulador que faz negócios sobre mercadorias; quando há alta, ele paga, pois enriqueceu com o dinheiro do banco; se a coisa dá para trás, ele entrega a mercadoria desvalorizada, e o banco que se dane. Caso que acontece de preferência, é claro, com bancos oficiais, visto que o banqueiro sempre é mais liberal quando o dinheiro é, afinal de contas, do povo.

Mas eu queria lhe contar era um sonho que esta noite sonhei. Que todos os cadastros de todos os bancos tinham pegado fogo; mais ainda, toda a papelada, inclusive os títulos, tudo, menos o dinheiro. E também todos os fichários da polícia, todos os processos da Justiça, todas as coleções dos jornais, e os arquivos particulares. O que aconteceria, Luís? Ficaríamos sem defesa contra os malandros e os criminosos, os embusteiros e os assassinos, os anarquistas e os calhordas — ou seria o momento de fazer um apêlo aos cidadãos em geral, sem excluir nenhum, dizer a eles que não havia mais nenhum papel escrito que alguém pudesse mostrar contra ninguém, e que era possível contar apenas com a palavra e a consciência de cada um, e que havia sido deliberado acreditar nessa palavra e nessa consciência? Você acha, Luís, que o mundo viria abaixo?

A idéia é engraçada, e parece que não tem nenhum sentido; mas não me ocorre outra esta manhã para fazer uma crônica; fique esta mesmo, e só o que lhe acrescento é um abraço apertado do sempre seu amigo e admirador

RUBEM BRAGA

a semana em SÃO PAULO

Acheson, Getúlio, Pina e o Necrófilo de Jundiá Encheram o Noticiário

SÃO PAULO — Uma semana excepcionalmente cheia, pois Acheson, Getúlio, Pina e o necrófilo de Jundiá se encarregaram de enchê-la. E como encheram! O sr. Acheson, que veio ao Brasil para não fazer nada, aqui continuou o seu programa, ao menos pelas aparências; porque se fez, nada nos disseram a respeito. O sr. Vargas também não fez grande coisa, a não ser inaugurar a Exposição Industrial, o que não é trabalho pesado, afinal de contas.

Muito mais trabalhou Pina, dando um "show" sensacional. Tomou um pileque monstro, desacatou um delegado e acabou dormindo no xadrez; no dia seguinte bem cedinho, ao sair das grades, a primeira coisa que fez foi providenciar um uisque e pedir a um reporter que fosse até o bar onde se encontrava, pois necessitava urgentemente de se justificar perante a opinião pública. E justificou-se de maneira brilhante.

Em resumo, contou que toda gente implica com ele e a prova é que fora barrado em dois hotéis, destrutado pelo garçon de uma "boite" e, para cúmulo dos cúmulos, até uma certa pessoa conhecida sua, procurada por ele, abriu uma janela e disse que não o podia receber. Em compensação, quem podia, e até fez questão de receber, foi o "chauffeur" do taxi; mas aconteceu que

Pina estava sem dinheiro; e o resultado é que acabaram ambos — motorista e Pina — na delegacia, onde aliás o famoso cônsul já estivera antes, para se queixar ao delegado de que havia um complot internacional armado contra ele. Desta vez a sua queixa era apenas contra o "chauffeur", que insistia insolentemente em receber o preço da corrida. Além de estar sem dinheiro, Pina estava também sem documentos; como o delegado não o conhecesse e pedisse uma prova de sua identidade, ele achou ruim, desacatou o delegado e, em consequência, foi dormir no xadrez. E' implicância ou não é? Em suma, tudo isso mostra abundantemente que Pina é vítima da perseguição de um espírito de porco internacional, interessado em não o deixar beber seus uisques sossegado. "Só quero — concluiu o cônsul pateticamente — ter o direito de viver".

E' um direito razoável e se é verdade, como ele declarou com amargura, que ninguém o defende, aqui estamos nós, dispostos a lhe oferecer o nosso apoio incondicional. Não vale nada; mas é dado de boa vontade.

Quanto ao necrófilo de Jundiá, é assunto sério e triste, que comentaremos em separado.

O Congresso Paulista de Escritores Acabou Melhor do Que Começou

A reportagem que publicamos no nosso último número, de autoria do diretor desta Sucursal, sobre o III Congresso Paulista de Escritores, ficaria incompleta sem este acréscimo, pois interrompemos a nossa correspondência no sábado, antes portanto do seu encerramento, que se deu no domingo.

Como devem se lembrar os leitores fizemos referência a uma certa monotonia nas discussões, que às vezes se arrastaram desnecessariamente em virtude da loquacidade de alguns congressistas. Mas, a última sessão plenária, de domingo pela manhã, foi brilhante. E a de encerramento, realizada no mesmo domingo à tarde, com a presença do governador Lucas Garez, transcorreu-se, certamente, num acontecimento de grandes proporções. Houve momentos de intensa vibração, que lembraram o famoso Congresso de 1945.

O III Congresso Paulista de Escritores foi útil. Nele se discutiram assuntos de interesse para o escritor e muitos problemas de cultura foram debatidos. O que porventura tenha perdido em vibração e turbulência, que caracterizaram outros congressos anteriores, ganhou em objetividade e decisão.

Temos prazer em acentuar isto, porque a nossa reportagem do último número de "COMÍCIO" mereceu de amigos nossos alguns reparos, aliás cordiais. Julgáramos em demasia severos. Mas que dissemos nós, afinal? Que até o momento de escrevermos a nossa correspondência, tinham sido raros os momentos de vibração. E isso é verdade. E que até aquele momento também um certo excesso de lero-lero em algumas discussões, o que emperrou desnecessariamente a marcha dos trabalhos. E também é verdade. Mas nada disso im-

porta em diminuição para a indiscutível importância que teve o Congresso.

Nós, os escritores democráticos, não nos subordinamos a "palavras de ordem" disciplinares que nos ponham obstáculos à livre manifestação da crítica, a qual deve começar por casa. Em nosso caso particular, há ainda a acentuar o seguinte: a nossa condição de congressista era uma, a de jornalista outra. Como jornalista, devemos lealdade ao leitor, temos que lhe contar o que é, ou o que nos parece ser, a verdade.

E, no caso, a verdade pode ser exatamente contada, sem qualquer desprestígio para o III Congresso Paulista de Escritores.



MUITOS ELOGIOS

Antes de embarcar de volta aos Estados Unidos, o sr. Acheson, como é de praxe, disse palavras amáveis. Ficou "tremendamente" impressionado com São Paulo, gostou muito dos arranha-céus, achou formidáveis as fábricas, notou as belas residências e as modernas lojas, teve tempo de se extasiar diante das nossas universidades (quais?) e das nossas bibliotecas (quantas?), etc. Tudo muito correto e compreensível da parte de um diplomata traquejado que sabe muito bem o que deve dizer nessas ocasiões. Mas o arroubo do sr. Acheson foi certamente um tanto excessivo quando se referiu ao nosso "encantador Teatro Municipal".

Ou ele não viu direito, ou o andaram enganando, mostrando-lhe uma coisa por outra. Porque tudo pode ser o Teatro Municipal de São Paulo... mas encantador?

Diante dessa sua declaração, pode ficar certo o sr. Acheson de que quem ficou "tremendamente impressionado" fomos nós.

O NECRÓFILO E AS CRIANÇAS

Esse espantoso caso do homem misterioso que, no cemitério da cidade de Jundiá, violou uma sepultura de mulher para se saciar no seu cadáver, parece um sinal dos tempos. Há muito que São Paulo vem sendo abalado por uma sucessão impressionante de crimes praticados por anormais, cuja bestialidade se satisfaz em crianças. Agora aparece uma nova modalidade de aberração sexual que, embora não sendo inédita, causa sempre horror e repulsa.

Mereceria todo um estudo de psicologia social esse fenômeno, cujas raízes profundas parecem repousar em certas condições de desequilíbrio social, peculiares a um estado de crise latente, propenso ao crime e às perversões. Sem comentários, e como ilustração do que dizemos, transcrevemos da "Folha da Noite" do dia 11 a seguinte notícia, que deve ter passado despercebida à maioria dos leitores mas que, a nosso ver, é muito mais grave que o necrófilo de Jundiá:

"A patrulha de ronda da Delegacia de Vadiagem orientada pelo subchefe Luiz Conserino, ao passar pela rua Greenfeld, percebeu que defronte ao número 263 estavam cinco garotos em atitudes suspeita. Dois dos policiais saltaram rapidamente da "perua" que os conduzia e detiveram os meninos. Alguns deles tentaram fugir mas foram detidos logo depois. Conduzidos ao Departamento de Investigações, os garotos confessaram que já haviam arrombado a parede do prédio 263 e esperavam apenas que se apagassem as luzes de uma residência próxima para a "limpeza" do estabelecimento. Os pequenos meliantes foram enviados ao juizado de Menores. Em poder dos larâpios-mirins a polícia encontrou chaves falsas, talhadeiras, 8 pares de luvas, serras de aço e outros apetrechos próprios para assaltos".